

Aviso

Esta é uma obra fictícia onde o conteúdo não tem nenhuma relação com a realidade ou fatos ocorridos em qualquer momento da história. O autor tem tão somente a intenção de proporcionar entretenimento aos leitores que derem a honra de apreciar este romance policial escrito sem qualquer base comparativa com a realidade.

O autor ainda deixa registrada sua opinião de repúdio total a qualquer forma de violência, seja com palavras, atos, humilhações ou mesmo ações terroristas. Por fim, expressa de forma clara e inequívoca sua aversão completa e total a todas as pessoas que se utilizam de violência de qualquer tipo que não sejam àquelas previstas em lei e utilizada como últimos recursos de legítima defesa.

Sumário

Missão 1	3
Início da semana	7
Na delegacia	18
O encontro	24
No sítio	35
A resposta	45
Missão 2.....	50
A repercussão nos jornais	55
A nova proposta	58
A Missão Final	63
O Plano	72
O reconhecimento	102

Missão 1

O atirador posiciona sua arma de precisão utilizando como apoio o parapeito da cobertura do prédio onde se encontra. É final de tarde, o sol em suas costas dificulta a visão de quem olha do morro a sua frente de forma que ele estará naturalmente camuflado. A mira da arma foi fabricada por encomenda com lentes antirreflexo, impedindo que o brilho possa delatar sua posição.

É extremamente importante que ele não seja identificado e, desta forma, impeça um tiroteio que possa ferir pessoas inocentes. Sua respiração está calma e seus batimentos cardíacos suaves e controlados para que não o faça perder a pontaria. Seus olhos fixos no ponto onde os traficantes costumam preparar e pesar as drogas que venderão.

Os bandidos começam a chegar e montam várias mesas com cadeiras de plástico em volta, esperando os primeiros clientes, normalmente playboyzinhos e gente que estuda disciplinas de áreas humanas, mas a despeito de sua classe social se dizem comunistas. Eles sempre vão até lá para comprar entorpecentes.

Na cabeça do atirador esses imbecis não são nada mais que financiadores da bandidagem e do tráfico. Na verdade os verdadeiros culpados pelos índices de criminalidade tão altos no país, pois sem esse dinheiro e o consumo de drogas ilícitas, o número de crimes certamente seria muito menor.

O atirador sente vontade de acertar todos eles, bandidos e os “financiadores”, sem distinção, já que para ele são todos fezes da mesma latrina. Lembra-se, porém, que tem uma missão e volta a se concentrar apenas nela. O chefe do tráfico local chega de arma em punho e logo passam pela porta os seus comparsas. O dedo dele chega a coçar, mas sua missão não os incluía ainda. Seu alvo é outro.

Os compradores já começam a chegar e se sentam na frente das mesas com seus pedidos e logo o local está cheio. Nenhum sinal ainda de seu alvo. O atirador reconhece através de sua mira vários bandidos procurados pela polícia e pensa que poderia ganhar muito dinheiro se utilizasse o serviço de denúncia anônima e eles fossem capturados.

Mas lembra-se que isso nem sempre funciona, já que infelizmente muitos policiais ganham ainda mais dinheiro para serem nada além de meros seguranças de bandidos. Provavelmente a polícia não iria lá ao topo do morro a uns 500 metros a frente dele e correr o risco de uma troca de tiros.

Volta a se concentrar exclusivamente em sua missão. Seu alvo ainda não apareceu, mas ele sabe que é questão de tempo, logo ele virá. Precisa de apenas um tiro certeiro. Foi o combinado com seu contratante. Mas ele pensa em deixar um presente adicional.

Normalmente leva apenas uma bala, assim não corre risco de deixar vestígios de sua ação, sem contar que também é uma forma de se obrigar a ser preciso. Hoje, contudo, sua arma está carregada com uma segunda bala. Apesar de suas ordens, o que seu alvo fez merece um “tratamento especial”.

Ele permanece imóvel a espera do criminoso, respiração calma e controlada, o dia está claro e sem ventos, não precisará fazer correções na trajetória. A distância é mais do que adequada a sua capacidade de atirar e ao objetivo da missão. Só precisa esperar.

O tempo passa, seu alvo está atrasado. Já o conhece bem, pois estudou seu comportamento minuciosamente antes de executar a tarefa. Já esteve até a poucos metros dele apenas para conhecê-lo melhor, mas o idiota nem suspeitava. Bandidos como eles se julgam acima da lei e intocáveis. Mas não desta vez. Desta vez seu crime não passou despercebido. Teve grande repercussão nas mídias. E incomodou gente importante.

Sua futura vítima havia praticado um novo assalto com seus comparsas, todos menores de idade. Sabe que depende dele a punição adequada ao executor da vil ação. O chefe dos monstros menores de idade. Pois a justiça nunca alcança bandidos menores de idade.

A algumas semanas atrás eles entraram em um prédio de classe média e roubaram tudo o que um casal de idosos aposentados possuía. Mas não ficaram contentes. Precisavam mostrar que eram maus para ganhar status no mundo do crime.

Espancaram ambos sem nenhuma piedade até que ficassem inconscientes, mesmo sem nenhum deles ter sequer esboçado reação. Só foram salvos da morte porque um dos vizinhos escutou gritos e chamou a polícia, que incrivelmente dessa vez chegou a tempo de impedir o assalto, mas não o espancamento.

A senhora, ficou muito machucada e em estado de choque. Seu marido, muito pior.

Ainda estava no hospital se recuperando de uma cirurgia feita às pressas, pois teve afundamento do malar. Os menores foram apreendidos, como se diz no Brasil e levados para uma instituição para sofrerem o que os supostos defensores dos direitos humanos chamam de medidas socioeducativas. Na verdade nada seria feito a eles, outra vez.

Como sempre, nenhum desses “defensores dos direitos humanos” sequer foi até às vítimas para saber se precisavam de assistência jurídica, psíquica ou simplesmente para demonstrar alguma piedade pelo odioso crime do qual foram vítimas. Nada. Nem sequer um telefonema. Por isso o atirador havia levado duas balas dessa vez. Uma para cada vítima injustiçada.

Os bandidos menores de idade, como de costume, já estavam livres alguns dias depois. Uns fugiram simplesmente pulando o muro. Os demais conseguiram sair de forma mais odiosa. Foram soltos depois que seus pais assinaram mais um termo de responsabilidade por eles.

Mas apenas um dos aprendizes de bandido havia espancado os idosos. O rapaz era cotado para ser o novo chefe do tráfico no momento oportuno. Entretanto, atirador se encarregaria de que essa hora jamais chegasse. Ou melhor, chegaria, mas, depois de hoje ele estaria incapacitado para sempre de exercer essa liderança.

O aprendiz de bandido aparece finalmente. Como sempre é festejado por seus comparsas. Já goza do medo deles. Até mesmo dos homens adultos por ser, como eles dizem, “do mal”. Sua arma está à mostra na mão direita e ele a sacode como que dizendo que quer se sentar ao lado do gerente do tráfico. Imediatamente outro menor cede sua cadeira e ele senta.

Perfeito! Pensa o atirador. Não poderia estar melhor posicionado. A mesa a sua frente não é obstáculo e suas duas pernas podem ser vistas através da mira. Praticamente o corpo inteiro a disposição. É só escolher onde deverá atirar. Mas isso já estava muito bem ensaiado.

O atirador espera, não há porque ter pressa. Pode fazer pontaria pacientemente, pois, ninguém pode vê-lo dali. Após alguns minutos ele resolve interromper a “engraçadíssima conversa” que os criminosos estavam tendo, já que todos gargalhavam enquanto continuavam a pesar e vender suas drogas.

O primeiro tiro é disparado. Acerta de forma cirúrgica o joelho esquerdo do bandido. Como esperado ele cai e coloca as duas mãos sobre o ferimento. Seus comparsas pensam que ele está brincando, já que não ouviram nenhum tiro. O silenciador funcionou bem. Logo vem o segundo tiro. Iguamente certo. A bala atravessa sua mão direita e dilacera os ossos rompendo os tendões.

Pronto! Seu trabalho está concluído e com sua assinatura no grã finale. A mão terá que ser operada, mas seu indicador e o polegar nunca mais terão a mesma mobilidade. Jamais terá força nos dedos novamente para puxar um gatilho. Quanto a seu joelho, se for recuperado deixará sequelas que o obrigarão a andar devagar e mancando para sempre.

Os idosos estavam vingados. Na verdade, todas as vítimas desse monstro menor de idade estavam vingadas. O atirador já poderia ir embora, mas resolve observar um pouco mais. É bom quando os bandidos perdem e ultimamente isso tem ocorrido muito raramente no Brasil.

Só após vários segundos o gerente percebe que seu aprendiz levou um tiro. Na verdade dois. Todos levantam achando que é uma invasão da quadrilha rival, mas

não se ouvem tiros. Também não se vê movimentação estranha em nenhuma parte do morro.

É uma correria geral. Todos entram novamente no barraco que dava acesso a laje e tentam enxergar quem atirou. O atirador agora se retira rastejando para não ser visto. Calmamente desmonta sua arma e coloca na maleta.

Ela é toda desmontável. Até o cano dela pode ser camuflado em forma de uma bengala. Ele retira os cartuchos vazios para não deixar evidências. Em seguida remove as luvas cirúrgicas.

Do outro lado no morro, o gerente pensa que o idiota possa ter disparado a arma sem querer. Só isso explicaria não terem visto ninguém, mas o bandidinho urrando de dor e chorando diz que não a deixou cair.

O gerente confere o pente, mas ele está cheio. Então os tiros não foram acidentais, pensa. Ordena que todos vasculhem o morro até acharem quem atirou.

O menor é levado para o “hospital do morro” onde será tratado pelo médico do tráfico. Isso é a garantia de que haverá sequelas e o crime para aquele idiota não será mais uma opção. Jamais ascenderá aos cargos de comando, uma vez que agora é praticamente um “inválido” para o tráfico.

A polícia, como esperado nem sequer foi chamada. O morro não quer espantar os clientes das drogas com outra troca de tiros com as autoridades. O atirador sai calmamente do prédio com seu disfarce, sua maleta de mão contendo partes não identificáveis da arma e sua falsa bengala.

Mesmo que fosse parado por policiais, dificilmente estes suspeitariam de um senhor distinto e manco. Seu disfarce é perfeito. Só não mais que sua pontaria.

A algumas quadras dali ele pega um telefone público e disca um número, deixa tocar apenas duas vezes e desliga. É o sinal de que o serviço havia sido concluído com êxito.

No dia seguinte seu contratante obtém de suas fontes o relatório completo da ação e fica satisfeito, apesar do segundo tiro.

O atirador pensa que quando os idosos souberem do fato pelos jornais se sentirão vingados. Afinal, tudo ocorreu no mais puro segredo. E nada chama mais a atenção da imprensa do que uma tentativa de esconder um segredo. Os repórteres também têm informantes em toda parte. Sem dúvida será notícia.

Início da semana

Segunda-feira 05h00min da manhã e Jean já está acordado preparando seu desjejum para a longa jornada de trabalho que virá. Sua rotina é sempre a mesma, acordar cedo, preparar o café, tomar banho para ficar mais desperto, arrumar-se e dirigir-se ao trabalho.

Possui um pequeno comércio que conseguiu montar após outra das decepções sofridas em sua vida profissional. Mesmo tendo pouco dinheiro, poupado durante anos, resolveu tentar empreender para não precisar mais se sujeitar a cumprir ordens que considerava incorretas ou que não agregavam coisa alguma aos negócios e a si próprio.

Ao final de cada jornada laboral, Jean pega sua mochila bastante surrada pelos muitos anos de uso, onde carregou primeiramente seus livros e cadernos e agora serve para levar um dos seus dois quimonos e os demais equipamentos de proteção que usa nos seus treinos de karatê. Esse é um dos poucos “luxos” que ainda se permite ter nos dias difíceis que atravessa atualmente.

Nem sempre foi assim. Em um passado não tão distante, Jean trabalhou em diversas empresas de todos os tamanhos e ramos de atividades. Algumas multinacionais renomadas, outras apenas microempresas.

Todas colaboraram para moldar seu perfil profissional muito dedicado, centrado e correto nas ações. Independente do tamanho da empresa ou do cargo que ocupava, o empenho era sempre o mesmo. Trabalhava como se o local fosse seu e sempre dava o melhor de si em cada um deles.

Conseguiu com isso fazer grandes amigos e conquistar uma legião de admiradores, principalmente seus chefes, que enxergavam nele dedicação e correção digna de servir de exemplo para os demais funcionários. Não se importava em trabalhar mais do que o contratado.

Pensava antes naqueles que dependiam dos seus serviços até mais do que considerava suas próprias necessidades, o que o deixava extenuado, mas de certa forma realizado por ter feito um bom trabalho e ter dado seu melhor naquele dia. Era quase que uma recompensa pelo esforço, ainda que nem um obrigado recebesse na maioria das vezes.

Entretanto, agora as coisas não estavam indo nada bem financeiramente. Muito mais por conta das dificuldades econômicas que todo o país atravessava do que

por suas ações administrativas.

Apesar de o pequeno negócio ser seu, o imóvel era alugado e, além disso, ainda tinha a prestação da pequena casa que comprou com auxílio de financiamento bancário, que corroía de forma implacável o pouco que arrecadava com as vendas dos produtos que comercializava.

Somado a tudo vinha seu drama pessoal que o atormentava. Quatro perdas familiares importantes e sucessivas, dentre as quais a de seu próprio pai, que acabou por deixá-lo cada vez menos esperançoso e descontente com a vida que estava levando.

Todos vitimados por doenças, que após longos períodos de sofrimento fizeram toda a família padecer aos poucos junto com os enfermos. Foram anos de muita dor e agonia para todos.

Agora tudo havia passado, mas não sem deixar marcas profundas em sua personalidade e na forma como encarava a vida e todo o esforço que havia dedicado ao trabalho até então.

Questionava-se com frequência se teria valido a pena tanto esforço e dedicação profissional para ter obtido resultados tão ínfimos e tão pouco proveitosos. E se ele tivesse um final tão triste e sofrido quanto de seus parentes, todos igualmente tão dedicados quanto ele? De que adiantara tudo o que havia feito se agora quase não conseguia honrar seus compromissos financeiros e pagar pelo seu sonho de ter sua casa própria?

Mesmo com todas estas incertezas, prosseguia a vida fazendo tudo o que de melhor conseguia e que o cansaço por conta das quase treze horas de trabalho diário lhe permitia. Havia assumido esses compromissos e tanto seu caráter, quanto sua educação jamais permitiriam que sequer pensasse na possibilidade de não honrar o que foi previamente combinado.

Assim que abria sua loja e os primeiros clientes começavam a aparecer, esquecia todos os problemas e dedicava-se integralmente a fazer o seu melhor novamente, afinal nenhum deles tinha nada a ver com seus dramas pessoais.

Sua índole exigia que os tratasse como gostaria de ser tratado independente de estar cansado, triste ou com dores. Um sorriso precisa estar em seu rosto para que todos se sentissem bem e o dia transcorresse mais leve.

E assim era feito cotidianamente, sempre apoiado por sua linda esposa, que passava pelos mesmos problemas e dificuldades. As rotinas eram quase sempre as mesmas.

Loja aberta. Não demora muito e começam aparecer alguns dos clientes que tornam a vida de qualquer pessoa um fardo pesado. Pessoas amargas, com muito pouca ou nenhuma educação e que tratam seus semelhantes como se fossem escravos pessoais.

São do tipo que falam alto, reclamam de tudo, são ríspidos no tratamento. Tratam melhor seus animais de estimação do que as pessoas com quem convivem.

Jean e a esposa não se deixam abalar e para cada grosseria recebida exibiam um largo sorriso. E quando nada funcionava e já estava para perder a paciência, sua amada vinha em seu socorro, não permitindo que perdesse o controle.

Ao final quase sempre dava certo, mas a um custo pessoal e psicológico cada vez maior e pesado para ambos. Atender a essas pessoas literalmente sugava suas energias e até as vontades.

Eram verdadeiros vampiros modernos, que ao invés de sangue se alimentavam do psicológico das pessoas. No entanto, precisavam agir assim e seguir com a vida da melhor forma. Agora que possuíam a loja não era mais uma opção e sim necessidade.

Os dias seguiam, mas em sua cabeça as perguntas ficavam martelando. Valia a pena passar por tudo isso mesmo não tendo o retorno financeiro planejado? Deviam eles continuar com esse empreendimento mesmo com o governo e os políticos corruptos estarem acabando com a renda da população em geral, cobrando altos impostos que serviam apenas para financiar suas ilicitudes?

A dificuldade em arrumar um novo emprego após três anos fora de sua área de atuação no mercado sempre os impulsionava a continuarem e tentarem um pouco mais. Talvez se fizessem algo diferente hoje, pensavam, quem sabe mudar o foco...

Seguiam dia após dia lutando e esperando que algo novo acontecesse e fizesse valer a pena todo o esforço e dinheiro que investiram em sua microempresa.

Sabiam que estavam fazendo tudo corretamente como mandam as boas práticas de negócio. Tinham esperanças que uma mudança na economia poderia alavancar suas vendas e dessa forma permitir que se sustentassem sem tanto esforço.

Dia após dia essas dúvidas povoavam a mente de Jean e já começava a fazer sua bela e amada esposa igualmente fraquejar. Sem perceber, Jean estava em fase avançada de depressão. Fora tomado pelo desânimo e pensava em jogar tudo para o alto e mudar de vida e até de país.

Mas como agir se praticamente tudo o que tentavam acabava de uma forma ou de outra sendo bloqueado como se uma força maior estivesse brincando com suas vidas para ver até onde eles aguentariam sofrer antes de praticarem uma loucura?

E não eram pouco frequentes às vezes em que pensava em realmente fazer uma loucura. Não contra alguém, mas contra si mesmo. Questionava-se muito sobre porque tudo estar acontecendo de forma tão injusta se por toda a vida havia procurado ser uma pessoa do bem.

A alguns poucos mais próximos dizia que se existisse um botão de desliga em cada pessoa, ele mesmo apertaria o seu próprio para acabar com o sofrimento.

Sempre o aconselhavam e tentavam acalmá-lo dizendo que tudo iria melhorar que era apenas questão de tempo, que não existe bem que sempre dure ou mal que nunca acabe... Mas isso apenas servia para deixa-lo ainda mais deprimido ao invés de levantar o seu moral.

Porém, nesta segunda-feira em especial algo fazia com que estivesse mais desanimado, mais cansado, mais triste que o normal. O dia arrastou-se como nunca antes havia ocorrido. Um verdadeiro suplício.

Todas as pessoas chatas do mundo pareciam ter combinado de ir até a loja para aborrecê-los e estava minando ainda mais sua capacidade de ser simpático ou de fingir que nada estava acontecendo.

A cada um que atendia dessa forma o desanimo o tomava ainda mais. Os ponteiros do relógio pareciam não se mover e nem sua esposa estava conseguindo reverter os fatos dessa vez.

Neste dia algo de muito diferente estava reservado para acontecer. Algo que faria tudo mudar de uma forma definitiva, de uma forma que sua vida ganharia novos e inimagináveis contornos.

Após mais uma jornada de trabalho e já estar preparando-se para ir treinar mesmo desanimado, ele resolve ir andando desta vez. Combina com sua esposa para que ela vá para a faculdade de moto sem ele.

Ela está no último ano e Jean tenta incentivá-la a não desistir, pois como todo estudante em fim de curso, já estava exausta por tantos anos de estudo e trabalho ao mesmo tempo.

Ele fecha a loja e começa a caminhar apressadamente em direção a sua academia, que fica no centro da pequena cidade onde mora. Aproximadamente dois quilômetros em linha reta, mas que parece bem mais longe devido aos muitos

quarteirões que tem que superar. No caminho resolve passar em um caixa eletrônico para depositar os poucos rendimentos do dia.

Ao longe vê uma senhora de pele negra com duas crianças de aproximadamente nove e sete anos saindo do banco. Um pouco mais adiante um grupo de cinco jovens com idades entre dezesseis e dezessete anos fazem barulho e intimidam a todos que passam por ali.

Nitidamente drogados, resolveram tirar o dia para infernizar quem quer que fosse. Pedem dinheiro de forma ameaçadora aos transeuntes, que se esforçam para evita-los atravessando a rua rapidamente.

Pressentindo que teria problemas, ajeita sua mochila de maneira que possa soltá-la em algum lugar seguro para se defender. Sabe que esses tipos de idiotas se sentem valentes e fortes quando estão em bando. Ainda mais quando estão drogados.

Duas coisas que ele jamais tolerou, drogados e covardes que se escondem atrás da quantidade para demonstrar toda sua “valentia”.

Pensa consigo que essa é uma boa oportunidade para terminar com o sofrimento. Um dos bandidos menores de idade parece estar armado, supõe pelo volume que é possível observar por baixo de sua camisa. Talvez essa seja a oportunidade de acabar com tudo.

Quem sabe ele tenha sorte de ser o próximo a ser importunado por eles. Se reagir é possível que o jovem use a arma e faça o que ele até agora não teve coragem de fazer consigo mesmo.

Mas o alvo dos bandidos é outro. Estão de olho na mulher e suas crianças, pois aparentemente estão com dinheiro. É sem dúvida um alvo bem mais fácil. E com as crianças, a mulher certamente pouco poderá fazer para se defender.

A um quarteirão de distância, percebe que os cinco já estão em cima da mulher e tomaram sua bolsa. Mas a maldita droga que corre em suas veias faz com que eles não fiquem satisfeitos.

Como a mulher instintivamente tentou se defender, começam a surrá-la na frente dos filhos pequenos, que desesperados choram e pedem para que soltem sua mãe. Essa visão foi o estopim que desencadeou a maior das transformações em Jean.

Apenas tentar assalta-la já seria suficiente para que ele odiasse aqueles jovens bandidos, mas baterem na mulher inocente que nada havia feito contra eles e na

frente dos filhos, isso ele não poderia tolerar, apesar de nunca tê-la visto antes.

Ninguém faz nada a princípio para ajudar a mulher. Jean foi imediatamente tomado por uma carga de adrenalina incomensurável. Seu coração começou a bater de forma tão acelerada que parecia que sairia pela boca.

A mulher aos prantos implora para que eles parem e quando vê Jean vindo em sua direção pede para que ele proteja os filhos. Mesmo sendo brutal e covardemente agredida, ela apela para que ele defenda seus filhos e não a ela.

Jean decide interferir. Solta a mochila no canto da parede e grita para que parem imediatamente ao mesmo tempo em que corre na direção da mulher. Só então os bandidos menores percebem que ele está ali. Não deram muita importância, afinal, todos os que passavam pela rua apenas olhavam e ninguém se atrevia a confrontá-los.

Então aquele que parece ser o chefe dos ladrões começa a caçoar de Jean e manda que vá embora se não quiser apanhar também. Jean empurra o rapaz para longe da mulher e se coloca entre ela e os delinquentes.

- Devolvam o que pegaram dela e peçam desculpas imediatamente, grita Jean.

- Tá maluco playboy, perdeu a noção do perigo? Pergunta o chefe.

- Devolvam e vão embora, insiste Jean.

Sem se abalar Jean com um tom ainda mais imperativo manda novamente que devolvam os pertences da mulher se não quiserem se machucar. Todos começam a gargalhar em tom zombeteiro e um deles, tentando agradar ao chefe e querendo demonstrar poder ser tão ruim quanto o outro coloca a mão no peito de Jean para empurrá-lo.

O que eles não imaginariam é que Jean era uma pessoa totalmente preparada para a briga apesar da aparência pacata e gentil. Anos de prática de Karatê modelaram seu corpo e seu espírito para o combate, muito embora apenas uma vez tenha precisado usar seus conhecimentos para defender sua mulher.

Antes que a mão do bandido pudesse tocar completamente em seu peito ele a segura e gira com muita força no sentido anti-horário, fazendo com que o menor se contorcesse inteiro e rolasse no chão para não ter o pulso quebrado.

Logo outros dois vêm para cima de Jean para tentar acertá-lo, mas com uma esquivada ele se livra do segundo enquanto acerta um chute dado de costas sem precisar olhar para o terceiro que se aproximava por trás.

Outro soco vem na sua direção, mas novamente se esquivava e acertava o agressor com três socos sucessivos no rosto. O ladrão vai ao chão ensanguentado por conta do nariz quebrado.

Percebendo que esse não era um adversário como os outros, que sequer reagiam, o suposto chefe dos menores bandidos saca seu revólver, mas antes que possa pensar em atirar, tem sua mão agarrada pelas de Jean, que torce a arma na direção do rosto do bandido e desarma-o, quase quebrando seu dedo indicador.

Pensa em atirar, mas prefere dar uma coronhada no rosto do marginal. Ele também sangra imediatamente, mas vem para cima de Jean, que o acertava com um chute frontal no estômago, jogando-o para longe e caindo de costas.

- Olha aí, o playboy valentão. Perdeu playboy, vou te matar agora, diz o bandido.

Os outros tentam segurá-lo por trás com um abraço que trava seus dois membros superiores, mas ele escorrega seu corpo levemente para o lado colocando sua perna esquerda por trás da do bandido e o força para trás, fazendo-o ir ao solo novamente de costas.

O delinquente chefe agora está novamente de pé e segura um pedaço de pau. Tenta acertar Jean, que se esquivava dando uma chave de braço no bandido prendendo o braço para cima enquanto aperta ao mesmo tempo o pescoço, como se fosse uma morsa esmagando e deformando uma barra de ferro sem piedade.

Com um jogo de corpo, gira o quadril quase ficando de joelhos e fazendo com que o bandido fique pendurado a centímetros do chão, mas sem conseguir sentar. Isso faz com que o peso do próprio corpo do delinquente acabe servindo para enforcar a ele próprio.

O mais covarde dos menores corre, mas um dos outros acertava um soco nas costas de Jean. Ele solta o chefe e se vira para o atacante. Ameaça dar um chute na perna do rapaz e quando esse tira a perna em uma ação automática o pé de Jean ainda no mesmo movimento já se dirige para outra direção e acertava a cabeça do bandido que novamente cai.

Um dos menores marginais percebendo que eram impotentes contra Jean resolve virar sua revolta novamente para a mulher, mas Jean corre e se coloca entre ela e o bandido e dá uma verdadeira surra no delinquente. Normalmente ele usaria seu conhecimento apenas para se defender, mas por terem batido na mulher e devido à adrenalina ele bate sem dó.

Outro dos bandidos grita para Jean ameaçando de morte e chamando-o de vagabundo.

Isso ele não poderia admitir. Uma pessoa que trabalha treze horas por dia de segunda a sábado ser chamado de vagabundo por delinquentes que vivem na desonra da bandidagem é algo que ele não pode conceber. Se existe um vagabundo ali, certamente não era ele.

Seu sangue ferve. Deixa sua mão espalmada e dedos juntos e com o osso do dedão acerta a área temporal do marginal que urra de dor. No chão, Jean o acerta sem piedade em uma chuva de socos indefensáveis.

Neste momento algumas pessoas que passavam e se aglomeraram com a gritaria e a briga tentam tirar Jean de cima do menor bandido sem saber que ele até minutos atrás agredira uma senhora com seus filhos pequenos. Jean empurra um dos homens enquanto a própria mulher segura o outro explicando que ela tinha sido vítima dos bandidos.

Ensanguentada, ela mostra o rosto para o homem que ao invés de ajudar Jean fica novamente assistindo a luta.

O chefe consegue recuperar a arma que Jean havia lhe tomado inicialmente e escondido dentro de suas próprias calças em suas costas e com isso tenta novamente um disparo.

Jean se esquiva e outra vez torce o braço do bandido imobilizando o safado que gira no ar com as pernas para cima para não ter o braço quebrado, mas Jean o imobiliza no chão e quebra seu braço sem piedade pela ousadia que teve e também por ter visto em seus olhos que aquele arremedo de gente era pura maldade, apesar da idade.

Ainda com a arma na mão do bandido, porém imobilizada de forma que ele não pudesse soltá-la e nem ameaçar ninguém, Jean continua a forçar o braço do menor até que ela fique na direção do joelho do rapaz. Então, usando o próprio dedo do menor preso no gatilho, Ele o força a disparar. Pronto! É o segundo fora de combate.

O que estava com o nariz quebrado finalmente consegue se levantar, mas recebe um chute na cabeça e desmaia. Outros dois bandidos menores fogem sem que ninguém que estava no local tentasse ajudar a detê-los. Isso irrita Jean que grita para que alguém os segure. Agora restam apenas dois, o chefe gritando e chorando pelos ferimentos e o outro desmaiado.

Jean segura ambos e começa a levá-los para a delegacia arrastados pelos cabelos, o que faz com que alguns transeuntes o tentem impedir e comecem a chamá-lo de covarde. Seu sangue é pura adrenalina e seu coração pela primeira vez sente ódio por tudo que aconteceu. Em nada se parece com o Jean pacato e

amigável de sempre.

O fato de as pessoas, que apenas assistiram tudo sem sequer se moverem para ajudar a mulher espancada e roubada o estarem chamando de covarde o aborrecia ainda mais.

Como poderiam essas mesmas pessoas difamar quem ajuda e ao mesmo tempo tentarem proteger os bandidos, apenas por serem menores de idade? A idade os tornava menos monstruosos ou seus atos menos delinquentes?

Obviamente a mulher sangrando e com os filhos chorando vem ao seu encontro e o abraça agradecida. Tenta explicar ao povo que ele é o mocinho e não o contrário.

Uma divisão se estabelece na rua onde, parte das pessoas agora entende e tenta fazer a outra parte que defende os bandidos não segurarem Jean e deixa-lo levar os marginais para a delegacia. Mas meia dúzia de hipócritas que assistiram a tudo e nada fizeram alegam que ele estava agindo de forma desproporcional e que são apenas “crianças”.

Jean se pergunta, porque estes hipócritas não levam esses monstros para suas próprias casas então e tornam-se responsáveis por eles e suas atitudes?

- IDIOTAS HIPÓCRITAS! Grita Jean. Não percebem que eles são bandidos? Olha o que fizeram com essa senhora e seus filhos para roubá-los. E ainda bateram nela mesmo depois do roubo.

- Isso não lhe dá o direito de machucá-los também, fala uma mulher que quer que Jean solte os rapazes.

Provavelmente era só mais uma dessas estudentezinhas medíocres de filosofia e riquinhas que só conhecem a vida através dos livros sobre comunismo que são obrigadas a ler para tirarem boas notas.

Uma dessas pessoas que não tem opinião formada sobre nada e que são fortemente influenciadas pelos seus professores “socialistas”, que defendem esse tipo de regime tão fortemente quanto defendem a liberação das drogas e que fecham os olhos e fingem nada saberem sobre as atrocidades cometidas pelos seus “heróis comunistas” nos poucos países que ainda mantêm esse regime ditatorial. Ou alguém seria capaz de mencionar um único país comunista que não tenha se tornado uma ditadura cruel?

São hipócritas que usam drogas e com isso acabam financiando os próprios bandidos, já que eles mesmos compram seus entorpecentes para fugir de uma

realidade que não querem admitir para si, mas que ajudaram a construir com sua inversão de valores.

- Você é louca? Pergunta Jean. São bandidos, se ocorresse com você ou alguém de sua família duvido que estaria defendendo esses criminosos.

- São apenas jovens, diz ela. O que você está fazendo é justiça com as próprias mãos!

- Não senhora, diz Jean. Estou tentando fazer o correto. Já que nenhum de vocês sequer ajudou a proteger essa mulher e seus filhos por conta de suas covardias. Vou levar para a polícia os que consegui pegar e que quase tiraram as nossas vidas agora pouco.

Outros começam a gritar contra Jean mandando que solte os bandidos para irem ao hospital, mas ele sabe que se fizer isso fugirão também e voltarão a fazer as mesmas coisas talvez no dia seguinte. Com a confusão armada Jean deixa de ser o herói e passa a ser visto como vilão por grande parte da multidão.

Mas ele está convicto de que deve levar os bandidos para a delegacia. Precisam ser detidos e tirados do convívio da sociedade. São perigosos, animais, não..., pior, são verdadeiros monstros.

- Covarde, não vê que ele está com a perna baleada, grita outra pessoa.

- Sim está, diz Jean. E esta bala tinha o endereço do meu peito. Sorte a minha eu ter conseguido me defender. Que tipo de sociedade vocês querem idiotas? Onde já se viu tomar partido dos bandidos em detrimento dos trabalhadores e pessoas de bem?

- O que você fez não foi se defender, eles são crianças, grita um senhor que sequer havia visto o ocorrido, mas agora se achava no direito de opinar.

- Crianças? Crianças disse o senhor? São bandidos e por pouco não nos mataram. Por que não os leva para sua casa então e os coloca convivendo com seus parentes e pessoas amadas? HIPÓCRITA, grita Jean cada vez mais irritado enquanto observa o homem engolir em seco.

Uma patrulha policial finalmente chega e em seguida mais outras duas. Os policiais têm dificuldades para controlar a multidão que tenta a todo custo soltar os bandidos das mãos de Jean, que não permite.

Os homens da lei se esforçam para entender a confusão, mas como agora os que protegem os bandidos gritam mais alto, acabam por levar Jean como agressor para a delegacia. Mas também levam um dos menores, enquanto o outro é

conduzido ao hospital escoltado.

Na delegacia

Na delegacia Jean não pode crer que alguns transeuntes desocupados foram até lá para continuar a acusá-lo de covardia sem sequer saber o que verdadeiramente ocorreu.

Horas se passam e por pouco ele não foi preso pelo delegado, que só acreditou em sua versão após a senhora que foi a vítima ter ido até lá explicar o fato. Ela o descreve como herói e mostra os ferimentos que sofreu por conta das agressões após a tentativa de roubo que Jean evitou.

Em seguida desse relato, um homem com leves feições orientais aparentado uns 50 anos, que também assistiu a tudo e que sem motivo aparente foi igualmente à delegacia, pede em voz baixa e cordial para falar com o delegado. Bem vestido, o delegado atende ao homem, que parece ser alguém importante, pois é conduzido imediatamente a uma sala envidraçada anexa.

Após se identificar, o delegado faz uma saudação respeitosa e puxa a cadeira para que sente.

Conversam por alguns minutos, Jean olha para ambos, mas sem prestar muita atenção a nada. Sua amargura por ter sido colocado na condição de agressor ao invés de vítima é tamanha que ele precisa se esforçar para não chorar na frente daqueles homens. Range os dentes.

Todas as suas decepções somadas a mais essa de hoje afloraram de forma que ele já não se aguenta mais e se pergunta por que de tanto sofrimento para uma única pessoa, que procurou ser correta durante a vida inteira.

Sem que ninguém perceba ele pega uma caneta e papel na sala onde está sendo interrogado e escreve uma carta de despedida para a esposa rapidamente explicando tudo. Sabe que será solto, mas está tão triste que só pensa em ir a uma ponte dar cabo de sua vida.

A conversa entre o senhor e o delegado termina. Jean é obrigado a assinar uns papeis dados pelo policial. Sequer lê o que está escrito no boletim de ocorrência. Que importa o que está escrito se ele já decidiu seu destino a partir dali? Nem presta atenção à leitura que outro policial faz sobre o conteúdo. Assina, pega sua cópia e pergunta se já está liberado.

Ele parte. Já sabe para onde irá. Existe somente uma ponte na cidade alta o